

A Práxis da Comunicação Comunitária no Jornal “Folha Criança”¹

Beatriz Pozzobon ARAUJO²
Luzia Mitsue Yamashita DELIBERADOR³
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

Resumo

Este trabalho analisa como os pressupostos da comunicação comunitária podem ser inseridos na nossa realidade prática. O artigo utiliza como objeto de pesquisa o jornal “Folha Criança”, uma publicação desenvolvida por 29 crianças de duas escolas municipais da região Norte de Londrina (PR). O objetivo da pesquisa é verificar se de fato as crianças se tornaram protagonistas da comunicação, ao identificar demandas da realidade em que estão inseridas e reproduzirem de forma crítica no jornal. A metodologia científica empregada foi a pesquisa participante, que insere o pesquisador no ambiente que está sendo investigado.

Palavras-chave: comunicação comunitária; Folha Criança; jornal; pesquisa participante.

Introdução

A comunicação comunitária é uma importante alternativa ao monopólio midiático, sustentado pelo capitalismo, sistema esse que tem no valor de troca e na exploração do indivíduo suas bases. Indo contra a este domínio, na comunicação comunitária o valor de uso volta à cena. Neste formato, a voz dos antes marginalizados é ouvida e são valorizadas as suas subjetividades, em um contexto de coletividade. Os anseios destas pessoas são inseridos em veículos comunitários, que assim se denominam, especialmente, por serem feitos por membros da própria comunidade.

É dentro deste contexto que se insere o jornal “Folha Criança”, uma publicação produzida durante o projeto “Meu Filho Repórter”, que desenvolveu 18 oficinas mídia educativas, de outubro a dezembro de 2013, com 29 crianças da região Norte de Londrina (PR). As crianças, de 10 a 12 anos, da Escola Municipal Professor Moacyr Teixeira e da Escola Municipal Professora Ruth Lemos, produziram o próprio jornal comunitário a partir das demandas levantadas durante os encontros.

A metodologia científica em que se baseia este trabalho é a pesquisa participante, que está relacionada à inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Especialista em Comunicação Popular e Comunitária pela UEL e graduada em Comunicação Social – habitação Jornalismo pela mesma instituição. Email: pozzobonbeatriz@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Ciência da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Docente do Curso de Especialização em Comunicação Popular e Comunitária da UEL e do Curso de Jornalismo da Faculdade Maringá. Membro do Núcleo de Estudos em Comunicação Comunitária e Local – Comuni/CNPQ. Email: adeli@sercomtel.com.br

do fenômeno e sua interação com a situação investigada. Este tipo de pesquisa busca extrapolar os muros da universidade e ir de encontro ao cotidiano das classes populares, com objetivo de transformar o povo em sujeito político (PERUZZO, 2011, p. 125).

Segundo Borda, a pesquisa participante transforma a estrutura acadêmica clássica na medida em que reduz as diferenças entre objeto e sujeito de estudo. “Ela induz os eruditos a descerem das torres de marfim e a se sujeitarem ao juízo das comunidades” (BORDA apud PERUZZO, 2011, p. 128). Aqui, não se deseja fazer pesquisa pela pesquisa, mas sim, uma pesquisa que possa contribuir com a redução das desigualdades (PERUZZO, 2011, pp. 130-131).

Comunicação comunitária

Cicilia Peruzzo (1998, p. 134) define comunicação comunitária como aquela que está voltada a instituições sem fins lucrativos e de movimentos sociais, multidirecionada, horizontalizada, emitida a partir dos anseios das classes subalternas. Comunicação comunitária como aquela que tem por finalidade mobilizar e organizar o povo em torno de seus interesses, mediante a persuasão, que desvenda a realidade, sustenta a existência de conflitos entre as classes sociais, inter-relaciona os fatos, para facilitar a compreensão do conjunto, politiza a comunidade e propicia o diálogo e a participação no que diz respeito às decisões.

Ainda segundo Peruzzo, a comunicação comunitária envolve diversos setores das classes subalternas. São eles: moradores de uma determinada localidade desassistidos em seus direitos à educação, saúde, transporte, moradia, segurança etc.; trabalhadores da indústria; trabalhadores do campo; mulheres; homossexuais; defensores da ecologia; negros; cidadãos sem terra interessados em produzir meios à sua própria subsistência, etc. No caso do projeto “Meu Filho Repórter”, a comunicação comunitária foi desenvolvida com crianças da periferia de Londrina.

Raquel Paiva (1998) estabelece uma definição própria para os veículos comunitários. A primeira característica é a vinculação e o comprometimento que a comunidade possui com o veículo. Paiva cita ainda a vontade de produção de discurso próprio, sem filtros e intermediários; necessidade da região de conhecer seus próprios problemas; deve fomentar a cultura local, prestigiando suas formas; e, por fim, proposta social, objetivo claro de mobilização vinculado ao exercício da cidadania.

A importância da discussão do tema reside no fato da comunicação comunitária como alternativa para democratização da informação e da cidadania. Isso porque,

possibilita a ampliação do número de canais de informação e dá voz a quem, em sua grande maioria, não teria pela mídia convencional. É a formação de novos emissores de informação, porque, como defendido por Peruzzo, a comunicação é um direito; ideia que tem sido discutida e ampliada. E hoje, a luta é por dar direito não apenas ao acesso à informação, mas também assegurar o direito do cidadão aos meios de comunicação social na condição de emissores, produtores e difusores de conteúdos.

É pertinente ressaltar aqui que vários veículos ditos como “comunitários”, na verdade, não o são. Para Ciro Marcondes Filho (apud PAIVA, 1998, p. 154) não constituem veículo comunitário os jornais de bairro ou de grupos específicos que se lançam em busca de leitores, reproduzindo a estrutura da grande imprensa. Quanto mais estreita for à relação entre veículo e os propósitos e objetivos de uma comunidade, mais seus membros vão estar envolvidos em sua produção. Com isso, proporcionalmente, maior será sua representatividade e reconhecimento como veículo comunitário.

Neste sentido, Miani reforça que a comunicação comunitária atua em direção oposta ao capitalismo, sistema este que tem no indivíduo e não na comunidade o sujeito principal de suas ações. “A comunicação comunitária se afirma como um espaço político concreto, de resistência, que possibilita o despertar crítico dos seus membros, num processo que poderíamos chamar de ‘desalienação’” (2011, p. 227). Enquanto o capitalismo opera na anulação da subjetividade do indivíduo, tornando-o um único consumidor, a comunicação comunitária valoriza as subjetividades em um contexto de coletividade.

Ainda segundo Miani, a participação é entendida como a força motriz na realização de uma comunidade. A busca permanente por uma participação que se estabeleça como exercício do poder de forma democrática ou partilhada é condição indispensável para a constituição e consolidação de uma comunidade (MIANI, 2011, p. 228). A participação é vista, dessa forma, como elemento constitutivo aos processos de produção de uma comunicação comunitária. Raquel Paiva (apud MIANI, 2011, p. 228) frisa que é exatamente a participação efetiva da comunidade que vai distinguir um veículo comunitário. Segundo a autora, a participação de toda a comunidade é uma conquista a ser alcançada.

Tendo isso em mente, é possível observar que não basta um veículo ser produzido em uma localidade específica ou para um grupo específico, para que ele seja considerado comunitário. Mesmo em locais ou em grupos desassistidos. Muitos jornais de bairro ou de minorias, por exemplo, lançam mão das mesmas técnicas da grande mídia para alavancar vendas de anúncios, de exemplares ou conquistar a audiência.

Veículo comunitário não é aquele produzido para a comunidade, mas por ela própria. E as temáticas veiculadas estão, invariavelmente, relacionadas aos interesses da comunidade. São os indivíduos que a constituem, em um consenso, que decidem e viabilizam os conteúdos do veículo comunitário, dando espaço aos assuntos e a cultura local, música e arte popular, além de despertar o indivíduo enquanto cidadão e pertencente a uma comunidade.

Os “Cinco Conjuntos”

O projeto “Meu Filho Repórter” esteve vinculado quase em sua totalidade à região Norte de Londrina. A ligação se deu, em primeiro lugar, pelas crianças participantes, todas elas moradoras desta região. As escolas que elas frequentavam também se localizam na zona Norte, assim como a Vila Cultural Gibiteca Zona Norte, local onde foram desenvolvidas as oficinas. Por conta disso, torna-se necessário contextualizar essa região tão importante para o desenvolvimento do projeto, assim como é fundamental para a conjectura da Londrina atual.

A região Norte de Londrina é conhecida popularmente como “Cinco Conjuntos” ou “Cincão”, nome que foi dado em função da implantação dos cinco primeiros conjuntos habitacionais no local. Os Cinco Conjuntos não compreendem toda a região, mas o nome ganhou força por representar uma população expressiva da zona Norte. A área é cortada pela Avenida Saul Elkind, com 8,5 quilômetros de extensão, principal polo de comércio e entretenimento da região e, possivelmente, a avenida com comércio mais forte fora do centro da cidade.

Mas nem sempre foi assim. Os Cinco Conjuntos tiveram início na década de 1970, principalmente devido ao êxodo rural e à necessidade de moradia para as pessoas que migravam para o perímetro urbano. O espaço nasceu graças a um projeto habitacional do governo federal, criado em 1964, que forneceu subsídios para o financiamento e construção de casas por todo o país. Em Londrina, a responsável por subsidiar a construção de habitações pela periferia da cidade foi a Companhia de Habitação (Cohab-Ld). Os cinco primeiros conjuntos construídos na zona Norte foram: Aquiles Stenghel, João Paz, Semíramis de Barros Braga, Chefe Newton e Violin. No início da década de 1980, nascia o Maria Cecília, o que demonstrou que a região tinha perfil para expansão (SILVA; MORAES; MEDEIROS, 2014, pp. 14-15).

A origem da região foi marcada pelo preconceito e marginalização, visto que os conjuntos foram destinados a pessoas de baixa renda. Além do preconceito, os moradores enfrentaram, no início, grandes problemas com infraestrutura, especialmente em

decorrência da distância do centro da cidade, a falta de transporte que facilitasse o caminho ao trabalho e a falta de opções de comércio, serviços e lazer na região. Os Cinco Conjuntos eram conhecidos como “cidade dormitório”, pois os moradores só retornavam para as suas casas após o expediente e, como dito, não tinham opções de lazer que os incentivassem a sair de suas residências. As dificuldades uniram os moradores em associações de bairros, que passaram a exigir melhorias da prefeitura. (MEDEIROS, 2014, pp. 46-47).

Com a pressão da população e a consequente melhora na infraestrutura, a zona Norte começou a crescer até chegar ao que é hoje: uma das regiões mais procuradas para receber novos investimentos com um dos metros quadrados mais caros da cidade. No final da década de 1980, com a instalação de loteamentos particulares, diversificação do comércio, aumento da população e variação socioeconômica, a região estava com outra cara. Hoje, os moradores dos Cinco Conjuntos podem suprir 100% das suas necessidades sem precisar se deslocar para o centro da cidade. A região Norte de Londrina conta com uma infinidade de serviços (clínicas odontológicas, médicas e consultórios de advocacia, por exemplo); grandes filiais de comércio ao lado de pequenos comerciantes; shoppings; agências bancárias; serviços públicos (unidades básicas de saúde e escolas), supermercados, entre outros.

É possível dizer que a região Norte presenciou ascensão social e econômica dos moradores e, aos poucos, vem perdendo a imagem de local distante e perigoso. É possível dizer também que a Saul Elkind é uma das mais importantes avenidas para o comércio de Londrina e atrai investidores de todo o Brasil. No entanto, não há como negar o fato de que a ascensão social dos moradores dos conjuntos não ocorreu de forma homogênea, sendo muito mais expressiva nos locais próximos à Saul Elkind (MEDEIROS, 2014, p. 47). Nos bairros mais distantes, muitos problemas ainda são verificados, como infraestrutura precária, violência e educação de qualidade inferior.

O fato é que os Cinco Conjuntos foram “erguidos” com a luta e a força da comunidade. Muito por conta disso, hoje, a maioria dos moradores gosta de morar na região Norte e apresenta a região com orgulho, apesar do que ainda precisa ser conquistado. A inserção do projeto “Meu Filho Repórter” na zona Norte de Londrina se deu justamente por isso. Para fazer com que as crianças fossem capazes de identificar as potencialidades e atrativos do local onde moram e enxergar os problemas pelos quais precisam buscar soluções.

Percurso metodológico

A metodologia científica empregada neste trabalho é a pesquisa participante. O pesquisador que se permite realizar uma pesquisa participante deve se inserir no grupo

estudado e participar de todas as atividades que se dispôs a realizar. Ele deve interagir como membro e assumir um papel dentro do grupo, sem criar expectativas que não poderão ser cumpridas devido a sua posição transitória no local. O grupo que está sendo pesquisado precisa conhecer os propósitos do pesquisador e ter concordado com eles (PERUZZO, 2011, p. 137).

Para que um jornal efetivamente comunitário pudesse ser criado, era preciso desenvolver oficinas de mídia educação, em conjunto com os participantes da pesquisa, que, como já é conhecido, são as crianças de duas escolas municipais da região Norte de Londrina. Como será visto a seguir, todo o percurso foi desenvolvido em uma parceria constante entre a pesquisadora e os alunos envolvidos, desde o convite nas escolas até a produção do jornal que passou a ser chamado “Folha Criança”.

Logo de início, a zona Norte de Londrina foi pensada como palco para o projeto “Meu filho Repórter”. Isso porque durante o ano de 2013 trabalhei no jornal – que deixou de circular - “Folha Nova Norte”, voltado à região Norte. Por conta disso, já tinha conhecimento prévio do local, de algumas escolas e pessoas com quem poderia contar. Uma dessas pessoas era a professora Elena Andrei, que foi coordenadora da Vila Cultural Gibiteca Zona Norte, no conjunto Aquiles Stenghel. Já tinha estado no local algumas vezes para cobrir assuntos pontuais e conhecia o espaço e as atividades desenvolvidas. Minha vontade era desenvolver o projeto na Vila Cultural para que este não estivesse atrelado aos interesses das escolas e que tanto eu, como os participantes, tivéssemos mais liberdade durante as oficinas.

Com isso estabelecido, entrei em contato com duas escolas da região Norte de Londrina que aceitaram que eu convidasse os estudantes a participarem do projeto “Meu Filho Repórter”. A Escola Municipal Professor Moacyr Teixeira foi escolhida porque já conhecia a diretora, novamente por conta do jornal “Folha Nova Norte”, e sabia do interesse e entusiasmo dela no desenvolvimento de projetos extraclasse. Já a Escola Professora Ruth Lemos foi escolhida devido à proximidade com a Vila Cultural. Na primeira escola, a diretora indicou os 4º anos para participarem do projeto e, na segunda, a diretora me deixou livre para falar com as turmas que desejasse. Dessa forma, convidei os estudantes dos 4º e 5º anos.

As crianças, que se interessaram pelo projeto apresentado, receberam uma carta destinada aos pais e/ou responsáveis, que continha os objetivos do projeto e os horários e locais de desenvolvimento. Esta carta já falava sobre a produção do jornal, e que este não traria custo aos participantes. Os estudantes interessados levaram a carta com a autorização para os pais e começaram a participar das oficinas no dia 02 de outubro de 2013.

Ao todo, foram realizadas 18 oficinas mídia educativas, que culminaram na produção do jornal “Folha Criança – Informativo dos Pequenos Jornalistas da Região Norte de Londrina”. As oficinas trataram das seguintes temáticas: identidade, cidadania, relação com a comunidade, leitura crítica da mídia e técnicas de jornalismo, seguindo o proposto pela orientadora Luzia Deliberador. Os encontros aconteceram as segundas e quartas-feiras em contraturno escolar, no período vespertino, em outubro, novembro e dezembro de 2013. Para cada temática foi dedicado um número específico de encontros, segundo as necessidades de cada discussão.

Com estes apontamentos, pode-se dizer que, o projeto se insere na metodologia de pesquisa participante, ao inserir o pesquisador em um grupo específico, que sabe que é foco da pesquisa e, de maneira livre, concordou em participar. Além disso, o pesquisador assume o papel de orientador do grupo, participa de todas as atividades cooperativamente, se aproxima da comunidade, mas deixa claro sua posição transitória no local, ou pelo menos, sua posição transitória enquanto pesquisador.

O “Folha Criança”

O jornal “Folha Criança – Informativo dos Pequenos Jornalistas da Região Norte de Londrina” foi impresso em formato tabloide, em oito páginas coloridas, que englobam textos jornalísticos, fotos, desenhos, histórias em quadrinhos e artigos de opinião produzidos pelas crianças participantes, a partir de pautas levantadas por elas próprias dentro e fora das oficinas. O jornal foi impresso na gráfica da Folha de Londrina, graças ao apoio financeiro concedido pela Vila Cultural Gibiteca Zona Norte, em parceria com a Prefeitura Municipal. Foram impressos mil exemplares, distribuídos entre as crianças, as escolas, a comunidade e a Vila Cultural.

É importante ressaltar que o projeto não tinha como objetivo único a produção do jornal, a partir das técnicas de jornalismo estudadas; mas sim a utilização da mídia impressa como “pano de fundo” para a formação de jovens mais participativos e críticos a realidade em que estão inseridos. Para isso, o projeto emprega os pressupostos da comunicação comunitária em todos os encontros desenvolvidos. A construção do jornal foi baseada no diálogo e na participação dos sujeitos, que se comprometeram com o veículo e lançaram mão deste espaço para produzir o próprio discurso a partir de uma visão mais crítica da região em que se inserem.

As crianças foram bem receptivas aos temas trabalhados nas oficinas, e já na discussão sobre “identidade” se apropriaram da ideia de que seria importante produzir um

jornal com “a cara delas”. Elas reconheceram, nesta oficina, que são importantes e que têm histórias para contar. Nas oficinas de “cidadania”, os participantes viram que mesmo enquanto crianças são capazes de fazer a diferença. De modo mais específico, pode-se perceber que grande parte das pautas trabalhadas no jornal já foram previamente escolhidas nas oficinas de “relação com a comunidade”. As crianças gostaram da conversa com representantes da comunidade e o resultado positivo foi percebido nas fotos que tiraram do bairro, com os pontos positivos e negativos da região.

As fotos foram tiradas pelas crianças fora do horário das oficinas, de forma livre e sem orientação prévia sobre o que deveria ser fotografado. Elas tiraram fotos da Vila Cultural, de lixo na rua e em terrenos abandonados, das escolas e da rua onde moram. Dessa forma, notou-se que os participantes agiram de forma crítica, mais comprometida e entendendo o que é bom no bairro e o que precisa ser modificado. Em conversas com os participantes, foi verificado o que eles gostariam de escrever no jornal, a partir das fotos trazidas ou das discussões propostas, tudo em comum acordo e pensando de forma conjunta, assim como um veículo comunitário, em sua forma mais fiel, deve ser elaborado.

Na oficina de “leitura crítica da mídia”, foi discutido sobre consumismo e o poder que a mídia tem sobre a decisão das pessoas, inclusive das crianças. Nas tão aguardadas oficinas de “técnicas de jornalismo”, o jornal foi “descoberto”. Os participantes conheceram a estrutura de formatação dos jornais e os elementos da capa, entenderam a divisão em editoriais, a diagramação e a utilização de fotos e souberam diferenciar publicidade de classificados. Depois, eles estudaram o texto jornalístico, o “lead” e os elementos que compõem a notícia (foto, linha fina e legenda, por exemplo). As crianças aprenderam a importância das fontes para as notícias e souberam reconhecer quais as suas fontes, ou seja, quais as pessoas que deveriam entrevistar para escrever o texto para o jornal.

Desta forma, tornou-se possível a produção de um jornal impresso pensado e construído pelas próprias crianças participantes. O resultado da publicação será visto a seguir, dividido em seis temáticas: Escolas, Bairros, Cultura, Comunidade, Opinião e Histórias em Quadrinhos. Neste artigo, será exposto um exemplo de cada editoria.

Escolas

O texto “Parquinho de escola precisa de consertos” foi escrito pelos alunos Gabriel e Rafael, da Escola Municipal Professor Moacyr Teixeira, escola que conta com um parque infantil, que não estava sendo utilizado por falta de manutenção nos brinquedos e piso inadequado. A temática foi levantada pelas crianças que trouxeram o assunto para ser

debatido nas oficinas. Eles próprios sugeriram a conversa com a diretora, Maria Aparecida Maricato, para entender o porquê do parque ainda não ter passado por reformas. Eu disse a eles que era importante que o texto tivesse depoimentos dos alunos mais novos, pois eles são os mais prejudicados com a ausência do parquinho e, dessa forma, a opinião deles era essencial. Assim, além da diretora, o Gabriel e o Gustavo entrevistaram duas crianças, de sete e oito anos.

Figura 1 – Parquinho de escola precisa de consertos

Parquinho de escola precisa de consertos

Parque da Escola Moacyr Teixeira foi fechado após algumas crianças se machucarem

Na Escola Municipal Professor Moacyr Teixeira, no Conjunto Maria Cecília, o parquinho não funciona desde fevereiro. A escola atende 750 crianças, divididas entre aulas de manhã e à tarde.

De acordo com a diretora da escola, Maria Aparecida Maricato, o parquinho é importante,

pois desperta na criança o desejo de vir para a escola. "Além disso, as brincadeiras auxiliam no processo da pré-alfabetização", destacou.

No entanto, a falta de segurança no parque impede que ele volte a funcionar. Segundo ela, é preciso que a prefeitura autorize o conserto, porque os brinquedos são muitos antigos e

sem manutenção e o piso é inadequado e perigoso para os alunos.

"A Associação de Pais e Mestres da escola não tem autonomia para investir na reforma", disse a diretora. "A direção da escola tem insistentemente solicitado aos órgãos competentes que sejam tomadas as providências necessárias. Agora, a promessa é que a reforma será realizada no ano que vem", completou.



Parquinho da Escola Moacyr Teixeira, que atende 750 crianças, não está sendo usado



Brinquedos muito antigos e sem manutenção



A diretora Maria Aparecida Maricato diz que a promessa é que o parque seja reformado ano que vem

Enquanto isso, os alunos mais novos da escola ficam sem o parque para brincar. "Gostaria que o parque fosse consertado, aí poderia brincar bastante", disse Marcela, de oito anos. "Quero brincar lá de novo", afirmou o colega, Lucas, de sete.

Texto e fotos: Gabriel Gustavo e Rafael Dias

Fonte: Jornal Folha Criança

Bairros

A Kawany, a Maiara e o Leonardo moram próximos um do outro e vinham notando locais abandonados na região que poderiam ser criadouros do mosquito da dengue. A problemática sobre a dengue surgiu com as fotos tiradas por vários participantes, que, durante as oficinas, trouxeram imagens de lixo nas ruas e terrenos abandonados e se mostraram preocupados com a dengue, doença que é também bastante discutida nas escolas. No texto "Para combater a dengue, é importante que todos façam sua parte", eles falaram da importância dos vizinhos se ajudarem para combater o mosquito. Ficou clara a preocupação das crianças com a doença; e a solução encontrada, segundo elas, é a união da comunidade, assim como já diz o título da matéria.

Figura 02 – Para combater a dengue, é importante que todos façam sua parte

Para combater a dengue, é importante que todos façam sua parte

*É o que defende as donas de casa Juliana Mendes e Ednalva Ferreira.
Segundo elas, se um vizinho não faz sua parte, prejudica todos os outros*

A dengue é uma doença transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*. Os sintomas da dengue são dor de cabeça, febre, moleza, dor nas juntas, falta de apetite e vermelhidão na pele. Para evitar a doença é importante não deixar água parada, cobrir o lixo e limpar o quintal.

De acordo com a dona de casa Juliana Pereira Mendes, cada vizinho tem que cuidar do seu quintal para ajudar no combate da doença. "Todos têm que fazer sua parte. Se um não faz, prejudica todos os outros vizinhos", destaca Juliana, que mora no jardim Dom Vicente, região Norte de Londrina.

Ela cita alguns locais próximos à casa dela que podem estar servindo de criadouro do mosquito da dengue. "No Clube Primavera as piscinas não são tratadas adequadamente e nos terrenos vazios muitas pessoas jogam todo tipo de lixo. Agora com o calor e a chuva, a situação tende a piorar", lamenta Juliana.

Ednalva Maria Ferreira mora no conjunto Aquiles Stenghel, zona Norte, e diz que a situação da dengue está "crítica" em seu bairro. Ela



também considera essencial que todos façam sua parte para mudar esta situação. "Se cada morador limpasse seu quintal certinho, os casos da doença iriam diminuir", defende Ednalva, que é dona de casa.

Texto: Kawany Pereira, Maiara Rufino e Leonardo da Silva

Fonte: Jornal Folha Criança

Cultura

O Diego é filho de um cantor de rap da região Norte e sempre gostou de falar sobre o assunto. Durante as reflexões nas oficinas, ele decidiu que escreveria sobre o pai e veio me perguntar se poderia. Eu concordei e sugeri que ele escrevesse o texto em formato de entrevista. Para isso, orientei o Diego e a mãe dele, que sempre esteve presente, mostrando exemplos de textos em perguntas e respostas e, depois, elaboramos as perguntas juntos. O texto "Rap expressa realidade da periferia" fala sobre a trajetória do "Sujjim" no rap e a importância do ritmo para a periferia. O que se pode concluir, é que o Diego conseguiu reconhecer e valorizar a realidade que vivencia diariamente. Escrever sobre o pai mostrou para ele que todos nós temos histórias, inclusive o próprio pai.

Figura 03 – Rap expressa realidade da periferia

Rap expressa realidade da periferia

Valdir Almeida fala sobre este estilo musical que canta os problemas e as coisas boas da periferia

O rap é um estilo de música que fala da realidade de uma forma criativa e é um som de protesto. As letras de rap falam sobre os problemas sociais e também sobre as coisas boas que acontecem no cotidiano da periferia.

Valdir Almeida, mais conhecido como Sujjim, já cantou nos grupos de rap Arquivo ZN (Zona Norte) e Pira Pura. Os dois grupos nasceram na região Norte de Londrina. Hoje, o cantor atua em seu novo trabalho solo, o "Nego Sujijo", que mistura rap, reggae, MPB, rock nacional, música eletrônica e nordestina.

Em entrevista, Valdir Almeida fala sobre o rap. Confira:

Quando começou a cantar rap?
Comecei a cantar desde muito pequeno,

porém fui escrever minhas primeiras rimas só aos 21 anos.

Por que cantar rap?
Para expressar meus pensamentos. O rap é uma forma de mostrar meu ponto de vista das situações que vivencio no meu cotidiano.

Em quais locais já cantou?
Além de cantar em todas as 'quebradas' de Londrina, já cantei nas cidades de Cambé, Iporã, Rolândia, Curitiba, Maringá, entre outras.

O que de mais legal você viu neste tempo?
Em primeiro lugar, a evolução dos meus pensamentos. E também em 2011, ainda com o grupo Pira Pura, quando conquistamos o Prêmio Paraná de Hip Hop,

na categoria Disco. O CD vencedor chama "Entre o lixo e o luxo".

Do que tratam as letras das suas músicas?

Mostro a realidade de uma forma positiva, trago conteúdo e informação com várias influências da música popular brasileira.

Qual a importância do rap e da cultura popular?

O rap é a voz e o ritmo da cultura hip hop. O ritmo influencia a vida de crianças, adolescentes e adultos nas periferias, no jeito de pensar, de falar e de se vestir com consciência. O rap é um exemplo das coisas boas que a periferia pode produzir.

Texto: Diego Almeida e Maycon Keyvn
Foto: Arquivo pessoal



Fonte: Jornal Folha Criança

Comunidade

O interesse da Maria Eduarda em escrever sobre a Vila Cultural foi verificado desde a solicitação das fotografias em uma das oficinas, oportunidade na qual ela fotografou o local como ponto positivo do bairro. No texto, ela conta a história da Vila Cultural no Aquiles Stenghel, explica as atividades desenvolvidas e a importância destas na valorização da identidade nacional e formação de melhores cidadãos. Mais do que um local de fomento da cultura, a aluna expõe a Vila Cultural como de fundamental importância para a formação de cidadãos persistentes e motivados.

Figura 04 – Vila Cultural é importante para o bairro

Vila Cultural é importante para o bairro

A Vila Cultural Gibiteca Zona Norte funciona há dois anos no Conjunto Aquiles Stenghel, região Norte de Londrina. As crianças têm contato com diversas formas de arte, como teatro, dança, música e artes plásticas. Na Vila Cultural, também tem biblioteca comunitária e futuramente telecentro, para as pessoas do bairro utilizarem computador e internet.

15 profissionais formados em Artes Visuais, Antropologia, Pedagogia, Artes Cênicas, Psicologia e Jornalismo desenvolvem as atividades com 64 crianças e adolescentes, de quatro a 16 anos.

Uma das profissionais é Miriam Alves, formada em Artes Visuais. Ela explica que as atividades culturais são desenvolvidas a partir da cultura popular brasileira, como o Boi de Mamão, hip hop e capoeira. O Boi de Mamão é o variante do Boi Bumbá na região



Vila leva diversas formas de cultura para crianças e adolescentes

tos pessoais dos alunos, em termos de técnicas artísticas.

A Vila Cultural é mantida com recursos do Programa Municipal de Incentivo a Cultura (Promic) e também com a ajuda de voluntários.

Texto e Fotos: Maria Eduarda Prado

Fonte: Jornal Folha Criança

Opinião

Este texto foi escrito por sugestão da própria aluna que conseguiu sintetizar, em poucas linhas, a essência das oficinas realizadas. A Kariohane destacou a importância das comunidades e da ajuda mútua para o bem comum e para a felicidade coletiva e citou diferentes tipos de comunidades. A aluna afirmou ainda que, sem as comunidades, os seres humanos não teriam conquistado nada em toda a história.

Figura 05 - A importância das comunidades em nossas vidas

A importância das comunidades em nossas vidas

É importante que todos se ajudem, até porque todos fazem parte de comunidades, ou seja, ninguém vive sozinho. Existem vários tipos de comunidades, como a nossa família, nossos amigos, nossa escola e nosso bairro.

Na comunidade da família tem os pais, irmãos, tios, tias, avós, avôs, primos e primas. A comunidade dos amigos é a comunidade em que convivemos com pessoas que nos ajudam. A comunidade da escola é formada por nossos professores e colegas de classe. E na comunidade do

bairro tem os nossos vizinhos.

Nós estamos nessas comunidades diariamente, convivemos com todas elas e ajudamos uns aos outros sem brigas. Por isso, as comunidades são tão importantes em nossas vidas. É para que todos se ajudem e fiquem felizes.

Se não existissem as comunidades e as pessoas que se ajudam, nós estaríamos sozinhos, sem amigos, ficaríamos sem chão e não teríamos conquistado nada até agora.

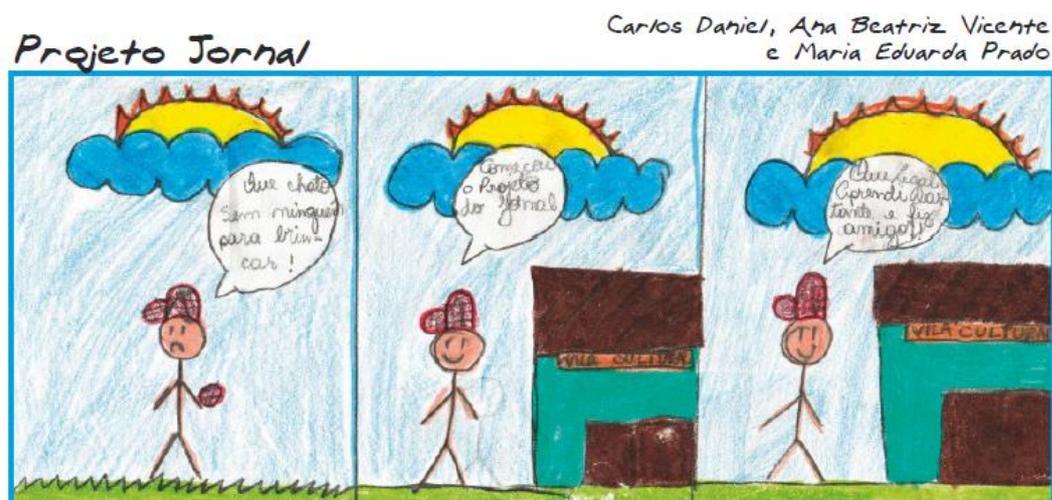
Texto: Kariohane Valério

Fonte: Jornal Folha Criança

Histórias em quadrinhos

A ideia da história “Projeto Jornal” foi proposta pelo Carlos e o desenho foi executado pela Ana Beatriz e pela Maria Eduarda. O Carlos é uma criança que passava as tardes inteiras sozinho em casa. Desde o início do projeto, se mostrou uma criança carente de cuidados e carinho, e que provocava os colegas em troca de atenção. Aos poucos ele conseguiu interagir melhor com os outros participantes. Além disso, foi uma das crianças com menos faltas e que mais cedo chegava à Vila Cultural. A história em quadrinhos dele retrata um pouco de tudo isso. Em três quadrinhos, ele conta a história de um menino que estava triste porque não tinha ninguém para brincar. No entanto, quando começa o “projeto do jornal” ele se sente feliz e entusiasmado porque obteve conhecimento e fez amigos.

Figura 06 – Projeto Jornal



Fonte: Jornal Folha Criança

Considerações finais

Durante as oficinas realizadas na Vila Cultural Gibiteca Zona Norte, as crianças puderam refletir sobre a realidade em que estão inseridas, valorizando os locais e sujeitos com quem convivem e identificando problemas que precisam ser modificados em prol do bem comum. Isso graças às discussões e atividades desenvolvidas nas oficinas com objetivo de estimular a participação, o comprometimento, a criticidade e a formação cidadã dos participantes, como propõe a comunicação comunitária. O “Folha Criança” é um jornal pensando em conjunto e em comum acordo entre as partes, a partir do diálogo e da participação das crianças envolvidas.

A partir disso, as crianças conseguiram propor pautas para o jornal “Folha Criança”, nome dado por eles próprios, escreveram textos, tiraram fotos e produziram desenhos que revelam um olhar diferenciado sobre as situações do dia-a-dia, tornando-se, assim, protagonistas da comunicação. Dessa forma, o jornal é, de fato, comunitário porque foi feito pela própria comunidade e porque aborda a região em que ele está inserido, a partir dos problemas e características que a definem. Assim, as crianças observaram e escreveram sobre falta de infraestrutura no bairro, dengue e lixo nas ruas e em terrenos. Mas, por outro lado, também retrataram a cultura e as demonstrações artísticas dos moradores da região.

O resultado positivo do projeto pode ser melhor visualizado a partir da avaliação da Maria Eduarda Prado, à época com 11 anos, que escreveu “participei do projeto para que as pessoas ouvissem o que eu tinha a dizer”. Comunicação comunitária é isso. Uma luta constante para dar voz e espaço aos que nem sempre os têm.

Referências

FANTIN, Monica. Mídia-educação e a formação do educador. In: _____. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006. p. 25-88.

MARICATO, Maria Aparecida. **Maria Aparecida Maricato** [12 ago. 2014]. Entrevistadora: Beatriz Pozzobon Araujo. Londrina, 2014. Gravação em áudio por gravador digital.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **Os pressupostos teóricos da comunicação comunitária e sua condição de alternativa política ao monopólio midiático**. Porto Alegre: Intexto, 2011.

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum: Comunidade, Mídia e Globalismo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicilia M.K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 125-145.

_____. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SILVA, Bruno Sanches M. da; MORAES Daniela Reis de; MEDEIROS Talita Sauer (orgs.). **Essa rua tem história: Memórias e sociabilidades da Saul Elkind**. Londrina: Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina, 2014.

TEIXEIRA, Ivanete. **Ivanete Teixeira** [12 ago. 2014]. Entrevistadora: Beatriz Pozzobon Araujo. Londrina, 2014. Gravação em áudio por gravador digital.